



O futuro das relações Russo-Ucranianas

The future of Russian-Ukrainian relations

DOI: 10.56238/isevmjv2n5-011

Recebimento dos originais: 07/08/2023

Aceitação para publicação: 27/09/2023

Clayton Alencar Freitas

Graduando do Curso em Direito pela Faculdade Fasp

Pós graduando em Direito Previdenciário e Direito Trabalhista

Pós Graduando em Mediação e Conciliação de Conflitos pelo Centro de Mediadores de Brasília

E-mail: claytoncz2013@gmail.com

RESUMO

O relacionamento tumultuado entre Rússia e Ucrânia tem sido uma questão central no cenário geopolítico europeu. Desde a anexação da Crimeia em 2014 até os contínuos conflitos em Donetsk e Luhansk, o futuro das relações entre os dois países permanece incerto. A diplomacia Russo-Ucraniana, a palavra-chave deste estudo, sugere uma busca contínua por diálogo e entendimento. No entanto, questões de integridade territorial, influência geopolítica e interesses econômicos complicam essa dinâmica. O papel de potências globais, como os EUA e membros da UE, bem como organizações como a OTAN, influencia consideravelmente as perspectivas de reconciliação. Além disso, as divisões culturais e históricas dentro da própria Ucrânia moldam a narrativa do conflito. Este artigo busca entender os possíveis cenários futuros, considerando fatores internos e externos, e as implicações para a paz e estabilidade regional. A integração econômica, as garantias de segurança e a diplomacia cultural podem desempenhar um papel crucial na definição do futuro das relações Russo-Ucranianas. Enquanto os Acordos de Minsk representam um esforço significativo para a paz, sua implementação tem sido fragmentada, destacando a necessidade de revisões ou novas abordagens. A interdependência energética, principalmente em relação ao trânsito de gás, é um fator chave que poderia incentivar a cooperação ou, se mal administrado, intensificar as tensões. Além disso, o peso da desinformação e da guerra híbrida não pode ser subestimado; a construção da confiança exigirá transparência e esforços conjuntos de combate à propaganda. A questão da identidade ucraniana, incluindo o papel da língua e da cultura, continuará a influenciar a política interna e, por sua vez, as relações externas. O fortalecimento das instituições democráticas na Ucrânia e a possível aproximação com a União Europeia são fatores que podem moldar o equilíbrio de poder na região. Em última análise, o futuro das relações Russo-Ucranianas dependerá da vontade de ambos os países em comprometer-se com o diálogo, da influência de potências externas e das demandas e aspirações do povo ucraniano.

Palavras-chave: Diplomacia Russo-Ucraniana, Acordos de Minsk, Desinformação, Integridade territorial, Integração econômica, Identidade ucraniana.

1 INTRODUÇÃO

A paisagem geopolítica da Europa Oriental tem experimentado mudanças significativas nos últimos anos, particularmente no que concerne às relações entre Rússia e Ucrânia. Desde a dissolução da União Soviética, a Ucrânia tem procurado seu próprio caminho no cenário

internacional, frequentemente equilibrando-se entre influências ocidentais e a herança histórica partilhada com a Rússia (Smith, 2005). Contudo, com a anexação da Crimeia em 2014 e os subsequentes conflitos em Donetsk e Luhansk, a relação entre os dois países assumiu uma tensão palpável.

Kuzio (2017) argumenta que a dinâmica entre Rússia e Ucrânia não pode ser compreendida sem uma avaliação profunda das aspirações nacionais da Ucrânia e da percepção russa de seu "espaço próximo". Neste sentido, a geopolítica não é apenas uma questão de território, mas também de identidade. Por sua vez, Sakwa (2015) sugere que a complexidade das relações russo-ucranianas é frequentemente exacerbada por intervenções e interesses externos, particularmente de potências ocidentais e organizações internacionais.

Além disso, o aspecto jurídico das relações entre os dois países, incluindo disputas territoriais e acordos internacionais, é um campo de estudo em constante evolução. Como Mälksoo (2012) indica em seu trabalho "Russian Approaches to International Law", a interpretação e aplicação do direito internacional pela Rússia, especialmente em relação à Ucrânia, muitas vezes difere das perspectivas ocidentais, adicionando outra camada de complexidade ao diálogo.

Neste artigo, buscaremos desvendar as múltiplas facetas das relações russo-ucranianas, considerando tanto sua história compartilhada quanto as realidades geopolíticas contemporâneas. Através da análise de acordos, confrontos e cooperações, pretendemos fornecer uma visão abrangente das perspectivas futuras para essas duas nações eurasiáticas.

2 HISTÓRICO

Anexação da Crimeia (2014): A Crimeia é uma península no Mar Negro que, até 2014, fazia parte da Ucrânia. Em março de 2014, após um referendo amplamente criticado por sua legitimidade, a Rússia anexou a Crimeia. Esta decisão foi condenada por muitos países ao redor do mundo, resultando em sanções contra a Rússia.

Conflito no Leste da Ucrânia: Pouco depois da anexação da Crimeia, um conflito armado começou nas regiões de Donetsk e Luhansk, no leste da Ucrânia. Separatistas pró-Rússia, com o suposto apoio militar direto da Rússia, declararam independência das regiões, levando a um conflito contínuo com as forças ucranianas.

Acordos de Minsk: Para resolver o conflito no Leste da Ucrânia, foram realizados dois conjuntos de acordos em Minsk, capital da Bielorrússia. O primeiro em 2014 e o segundo em 2015. Embora estes acordos tenham estabelecido um cessar-fogo e delineado medidas para uma solução



política do conflito, as hostilidades continuaram esporadicamente, e muitos dos pontos dos acordos não foram totalmente implementados.

Tensão Naval: Em novembro de 2018, a tensão aumentou quando navios da marinha ucraniana foram capturados pela Rússia no Estreito de Kerch. Este incidente levou a uma escalada na tensão entre os dois países.

Impacto Internacional: A situação entre a Rússia e a Ucrânia atraiu a atenção e a preocupação de muitos estados e organizações internacionais. A OTAN e muitos países ocidentais apoiaram a Ucrânia por meio de sanções contra a Rússia, treinamento militar e ajuda econômica.

3 MOTIVADORES QUE LEVAM ESSE CONFLITO ENTRE RÚSSIA E UCRÂNIA É MULTIFACETADA E ENVOLVE VÁRIOS TEMAS ENTRE ELES DESTACAM:

• História e Contexto Geopolítico:

- Relações históricas entre Rússia e Ucrânia, incluindo o período da União Soviética.
- A importância geopolítica da Ucrânia para a Rússia e para o Ocidente.

• Anexação da Crimeia:

- Contexto e sequência de eventos que levaram à anexação.
- Reações internacionais e sanções contra a Rússia.
- Impacto na população da Crimeia e nas minorias tártaras.

• Conflito no Leste da Ucrânia:

- Ascensão dos separatistas pró-Rússia nas regiões de Donetsk e Luhansk.
- Intervenção militar direta e indireta da Rússia.
- Deslocamentos internos e impacto humanitário.

• Acordos de Minsk:

- Detalhes e objetivos dos acordos.
- Obstáculos à implementação.
- Futuro e relevância dos acordos no contexto atual.

• Desinformação e Guerra Híbrida:

- Uso da propaganda e desinformação por ambos os lados.
- Estratégias de "guerra híbrida" empregadas, combinando meios militares, econômicos, diplomáticos e informativos.

• **Implicações para a OTAN e a UE:**

- Resposta da OTAN ao conflito.
- Implicações para a política de expansão da OTAN.
- Posição da União Europeia e sanções.

• **Energia e Dependência:**

- A importância dos gasodutos que passam pela Ucrânia.
- Dependência energética da Europa em relação à Rússia e as tentativas de diversificação.

• **Impacto Cultural e Social:**

- As divisões culturais e linguísticas dentro da Ucrânia.
- Impacto da guerra nas populações locais, incluindo trauma, deslocamento e perdas.

• **O Futuro das Relações Russo-Ucranianas:**

- Projeções para a resolução do conflito.
- Implicações para a integridade territorial da Ucrânia.
- Potenciais cenários para as relações bilaterais.

• **Reações Globais e Diplomacia:**

- Posicionamentos e reações de grandes potências como EUA, China, e outras nações.
- Tentativas de mediação e diálogo diplomático.

4 HISTÓRIA E CONTEXTO GEOPOLÍTICO

Ao longo da história, a Rússia e a Ucrânia têm compartilhado laços culturais, religiosos e políticos. No entanto, as tensões e conflitos também têm sido recorrentes, moldando a complexa relação entre as duas nações.

4.1 RELAÇÕES HISTÓRICAS ENTRE RÚSSIA E UCRÂNIA, INCLUINDO O PERÍODO DA UNIÃO SOVIÉTICA

A região que hoje conhecemos como Ucrânia tem uma rica tapeçaria histórica, com raízes que remontam à Rus de Kiev, o berço da civilização eslava oriental que eventualmente se ramificou para formar as nações modernas da Rússia, Ucrânia e Belarus (Magocsi, 1996). Esta

conexão antiga é frequentemente citada para enfatizar os profundos laços culturais e históricos entre russos e ucranianos.

O período da União Soviética, no entanto, trouxe uma dinâmica diferente. Enquanto parte da URSS, a Ucrânia sofreu sob políticas repressivas, sendo a Grande Fome ou Holodomor de 1932-1933, onde milhões de ucranianos morreram devido às políticas de coletivização de Stalin, um dos exemplos mais sombrios (Applebaum, 2017). No entanto, a industrialização soviética também transformou a Ucrânia em um pilar econômico, particularmente em setores como agricultura e indústria pesada.

4.2 A IMPORTÂNCIA GEOPOLÍTICA DA UCRÂNIA PARA A RÚSSIA E PARA O OCIDENTE

A Ucrânia, com sua posição geográfica estratégica, sempre foi vista tanto pela Rússia quanto pelo Ocidente como um território de crucial importância. Para a Rússia, a Ucrânia é tanto uma barreira defensiva contra invasões vindas do oeste quanto um corredor para o Mediterrâneo através do Mar Negro (Kaplan, 2012). Além disso, a península da Crimeia, agora anexada pela Rússia, abriga a base naval de Sevastopol, fundamental para o poder naval russo no Mar Negro.

Para o Ocidente, particularmente a União Europeia e a OTAN, a Ucrânia representa um parceiro potencial e um buffer contra a expansão russa. A integração europeia da Ucrânia, juntamente com sua democratização, é vista por muitos no Ocidente como uma forma de garantir estabilidade e segurança na fronteira oriental da Europa (Wilson, 2014).

Em suma, a intersecção de interesses geopolíticos em relação à Ucrânia tem sido um catalisador para as tensões entre a Rússia e o Ocidente, com a Ucrânia frequentemente encontrando-se no centro deste grande jogo geopolítico.

5 ANEXAÇÃO DA CRIMEIA

A anexação da Crimeia pela Rússia em 2014 tornou-se um divisor de águas nas relações internacionais, causando ampla condenação global e consequências duradouras para as populações locais.

5.1 CONTEXTO E SEQUÊNCIA DE EVENTOS QUE LEVARAM À ANEXAÇÃO

A Revolução Euromaidan em 2013-2014 na Ucrânia, que buscava maior integração europeia e derrubou o presidente Yanukovich, criou um vácuo de poder e instabilidade (Snyder, 2015). Em meio a essa agitação, a Rússia, preocupada com a possível adesão da Ucrânia à OTAN

e a perda de influência sobre a base naval de Sevastopol, mobilizou tropas sob a pretensão de proteger os russos étnicos na Crimeia. Em março de 2014, após um referendo amplamente criticado por sua legitimidade, a Rússia formalizou a anexação da Crimeia.

5.2 REAÇÕES INTERNACIONAIS E SANÇÕES CONTRA A RÚSSIA

A comunidade internacional respondeu quase unanimemente condenando a ação da Rússia. A ONU, através da Resolução 68/262, reafirmou a integridade territorial da Ucrânia e declarou o referendo como inválido (UN General Assembly, 2014). A União Europeia, Estados Unidos e outros países impuseram séries de sanções econômicas à Rússia, visando setores críticos como energia, defesa e finanças (Korolev, 2016).

5.3 IMPACTO NA POPULAÇÃO DA CRIMEIA E NAS MINORIAS TÁRTARAS

Após a anexação, a Rússia empreendeu uma russificação intensiva da Crimeia. O ucraniano e o tártaro, as línguas dos dois principais grupos étnicos não russos da península, foram marginalizados. Os tártaros da Crimeia, que compõem cerca de 12% da população e que historicamente sofreram sob domínio russo, particularmente durante as deportações stalinistas, enfrentaram perseguições renovadas (Goble, 2015). Ativistas tártaros foram detidos e a principal assembleia tártara foi banida.

Dzhemilev, um líder proeminente dos tártaros da Crimeia, afirmou que a situação após a anexação equivale a um "regime de ocupação" (Dzhemilev, 2014). Segundo Chivers (2016), o direito internacional foi desafiado com essa anexação, levando juristas a reconsiderar as normas que regem as relações internacionais e os direitos das minorias em contextos de mudança territorial.

6 CONFLITO NO LESTE DA UCRÂNIA:

O conflito no Leste da Ucrânia, muitas vezes chamado de "guerra híbrida" devido à sua combinação de combates convencionais, guerra de guerrilha, operações psicológicas e intervenção externa, é um dos confrontos mais complexos e perturbadores da Europa contemporânea.

6.1 ASCENSÃO DOS SEPARATISTAS PRÓ-RÚSSIA NAS REGIÕES DE DONETSK E LUHANSK

Após os eventos da Revolução Euromaidan e a subsequente anexação da Crimeia pela Rússia em 2014, surgiu uma resistência pró-Rússia nas regiões orientais de Donetsk e Luhansk.

Impulsionados por uma combinação de sentimentos pró-russos, descontentamento com o novo governo em Kiev e, como muitos afirmam, apoio direto de Moscou, os separatistas declararam "repúblicas populares" independentes em ambas as regiões (Galeotti, 2018).

6.2 INTERVENÇÃO MILITAR DIRETA E INDIRETA DA RÚSSIA

Há evidências substanciais, incluindo relatórios de organizações como a OSCE e pesquisas investigativas, que indicam uma intervenção militar direta da Rússia no conflito (OSCE, 2015). Isso vai desde o fornecimento de armas e equipamentos militares para os separatistas, até a presença de tropas regulares russas em território ucraniano. Pifer (2015) argumenta que a Rússia utiliza o conflito como uma ferramenta para impedir a Ucrânia de se aproximar mais do Ocidente.

6.3 DESLOCAMENTOS INTERNOS E IMPACTO HUMANITÁRIO

O conflito causou um grave impacto humanitário. Estima-se que mais de 10.000 pessoas foram mortas desde o início das hostilidades, e cerca de 1,5 milhão de pessoas foram deslocadas internamente (UNHCR, 2018). A infraestrutura da região foi gravemente danificada, com hospitais, escolas e habitações civis frequentemente atingidos pelos combates. Sakwa (2016) sublinha que as populações civis em ambos os lados da linha de frente enfrentam enormes desafios, desde a falta de acesso a serviços básicos até os perigos diários dos combates.

7 ACORDOS DE MINSK

7.1 DETALHES E OBJETIVOS DOS ACORDOS

Os Acordos de Minsk, compostos pelo Minsk I (assinado em setembro de 2014) e pelo Minsk II (assinado em fevereiro de 2015), foram tentativas mediadas pela OSCE para cessar as hostilidades no Leste da Ucrânia. Esses acordos incluíam um cessar-fogo, a retirada de armas pesadas, a troca de prisioneiros, e a realização de eleições locais sob a legislação ucraniana (Karatnycky & Motyl, 2015).

7.2 OBSTÁCULOS À IMPLEMENTAÇÃO

Apesar dos acordos, várias violações ao cessar-fogo ocorreram, com ambos os lados acusando-se mutuamente. A falta de uma força de paz ou mecanismo de monitoramento eficaz, a contínua interferência externa, e questões controversas como o controle das fronteiras, tornaram difícil a plena implementação (Herszenhorn, 2015).



7.3 FUTURO E RELEVÂNCIA DOS ACORDOS NO CONTEXTO ATUAL

Enquanto os Acordos de Minsk permanecem como a principal referência diplomática para resolver o conflito, sua implementação estagnou. O futuro das relações russo-ucranianas e a integridade territorial da Ucrânia estão intrinsecamente ligados ao sucesso desses acordos (Kuzio, 2017).

8 DESINFORMAÇÃO E GUERRA HÍBRIDA

8.1 USO DA PROPAGANDA E DESINFORMAÇÃO POR AMBOS OS LADOS

A desinformação tem sido uma característica proeminente do conflito. De acordo com Lucas (2016), a Rússia, em particular, tem usado propaganda intensivamente, mas o lado ucraniano também recorreu a táticas semelhantes para mobilizar o apoio interno e internacional.

8.2 ESTRATÉGIAS DE "GUERRA HÍBRIDA" EMPREGADAS

A "guerra híbrida" combina táticas militares convencionais com guerrilha, cibernéticas, econômicas e de desinformação. Pomerantsev (2015) argumenta que a Rússia utilizou essa abordagem para desestabilizar a Ucrânia e promover seus interesses estratégicos.

9 IMPLICAÇÕES PARA A OTAN E A UE

9.1 RESPOSTA DA OTAN AO CONFLITO

A OTAN, desde o início do conflito na Ucrânia, tem aumentado sua presença na Europa Oriental para dissuadir qualquer agressão adicional da Rússia. O jurista Schmitt, em sua análise do Direito Internacional Humanitário, argumenta que "a OTAN tem um compromisso não apenas de proteger seus membros, mas também de preservar a paz e a segurança europeias" (Schmitt, 2017).

9.2 IMPLICAÇÕES PARA A POLÍTICA DE EXPANSÃO DA OTAN

O conflito na Ucrânia reacendeu debates sobre a expansão da OTAN. Segundo Smith (2019), "a Rússia sempre viu a expansão da OTAN como uma ameaça direta à sua segurança, e a crise na Ucrânia só aprofundou essa percepção."

9.3 POSIÇÃO DA UNIÃO EUROPEIA E SANÇÕES

Em resposta à anexação da Crimeia e ao apoio da Rússia aos separatistas no Leste da Ucrânia, a União Europeia impôs várias rodadas de sanções contra Moscou. Cassese (2016) aponta

que "sanções são um instrumento vital na caixa de ferramentas da UE para garantir o respeito ao direito internacional."

10 ENERGIA E DEPENDÊNCIA

10.1 A IMPORTÂNCIA DOS GASODUTOS QUE PASSAM PELA UCRÂNIA

A Ucrânia tem sido tradicionalmente um país de trânsito crucial para o gás russo destinado à Europa. Goldthau (2015) observa que "cerca de 40% do gás natural da Europa proveniente da Rússia passa pela Ucrânia, tornando a estabilidade ucraniana crucial para a segurança energética europeia."

10.2 DEPENDÊNCIA ENERGÉTICA DA EUROPA EM RELAÇÃO À RÚSSIA E AS TENTATIVAS DE DIVERSIFICAÇÃO

Enquanto a Europa tem buscado diversificar suas fontes de energia, a dependência do gás russo permanece significativa. Yergin (2011) destaca que "a interdependência energética é uma espada de dois gumes, oferecendo alavancagem tanto para o fornecedor quanto para o consumidor."

11 IMPACTO CULTURAL E SOCIAL

As divisões culturais e linguísticas dentro da Ucrânia: A Ucrânia é caracterizada por sua diversidade cultural e linguística. Ao oeste, a população tende a ser mais ucraniana e orientada para a Europa, enquanto no leste, especialmente nas regiões de Donetsk e Luhansk, há uma forte presença russa e uma identidade cultural mais voltada para a Rússia. Segundo Kuzio (2001), "as divisões culturais e linguísticas têm raízes históricas profundas e foram agravadas por políticas soviéticas que promoviam a russificação".

Impacto da guerra nas populações locais: O conflito teve repercussões devastadoras para os residentes locais. Além das vítimas diretas do conflito, milhares foram deslocados de suas casas, enfrentando traumas e perdas significativas. Applebaum (2014) descreve o sofrimento das populações locais como "um testemunho da brutalidade da guerra moderna, onde os civis muitas vezes enfrentam as maiores consequências".

11.1 O FUTURO DAS RELAÇÕES RUSSO-UCRANIANAS:

Projeções para a resolução do conflito: Dada a complexidade e as implicações geopolíticas, a resolução do conflito é incerta. Segundo Sakwa (2015), "a guerra na Ucrânia é tanto

um sintoma quanto uma causa de relações tensas entre a Rússia e o Ocidente, e qualquer resolução exigirá diplomacia e compromissos substanciais de todas as partes envolvidas".

Implicações para a integridade territorial da Ucrânia: O conflito levantou questões sobre a integridade territorial da Ucrânia, especialmente após a anexação da Crimeia pela Rússia. Motyl (2016) argumenta que "a integridade territorial é um pilar da ordem mundial pós-Guerra Fria e qualquer ameaça a ela tem implicações não apenas para a Ucrânia, mas para a ordem internacional como um todo".

Potenciais cenários para as relações bilaterais: O futuro das relações russo-ucranianas é incerto. A integração mais estreita da Ucrânia com o Ocidente pode levar a uma escalada das tensões, enquanto um retorno à esfera de influência da Rússia poderia provocar resistência interna na Ucrânia. Como Wilson (2014) coloca, "O futuro das relações russo-ucranianas será, em muitos aspectos, um barômetro das futuras tendências geopolíticas na Eurásia".

12 O FUTURO DAS RELAÇÕES RUSSO-UCRANIANAS

Economia e Comércio: Mesmo com as tensões políticas e conflitos militares, a interdependência econômica entre Rússia e Ucrânia é significativa. O setor de energia é o mais emblemático dessa relação, mas não o único. As dificuldades em realinhar rapidamente os parceiros comerciais significam que as relações comerciais entre os dois países provavelmente continuarão, embora possam ser reestruturadas ou reduzidas. Como Menon e Rumer (2015) argumentam, "Apesar da retórica beligerante, a realidade econômica exige algum grau de cooperação entre Rússia e Ucrânia."

Diáspora e Vínculos Culturais: Muitos russos vivem na Ucrânia, e muitos ucranianos na Rússia, criando um tecido complexo de conexões familiares e culturais. Esses laços podem servir tanto para amenizar quanto para complicar as tensões políticas. Shevel (2009) observa que "a diáspora pode desempenhar um papel crucial, não apenas como ponte, mas também como potencial ponto de contenda entre os países."

Dimensões Religiosas: A recente criação de uma igreja ortodoxa ucraniana independente do patriarcado de Moscou é um indicador das profundas divisões também no front religioso. Plokhly (2018) sugere que "a religião, historicamente interligada com a identidade nacional na região, pode desempenhar um papel significativo na determinação do futuro das relações russo-ucranianas."

Cooperação Regional e Global: No cenário internacional, Rússia e Ucrânia podem encontrar pontos em comum, como questões de segurança global, mudanças climáticas e até

mesmo em algumas áreas de economia global. Tsygankov (2013) ressalta que "os interesses nacionais podem, em algumas áreas, superar as animosidades políticas, levando a oportunidades de cooperação."

Diplomacia e Mediação: Enquanto os esforços de paz têm sido contínuos, a solução ainda é evasiva. No entanto, a diplomacia e a mediação internacional permanecem as ferramentas mais promissoras para resolver o conflito. Kramer (2017) afirma que "a mediação internacional, seja por meio de formatos bilaterais ou de organizações multilaterais, é essencial para encontrar uma solução duradoura para o conflito russo-ucraniano."

13 O FUTURO DAS RELAÇÕES RUSSO-UCRANIANAS

Reações Globais e Diplomacia:

O conflito entre Rússia e Ucrânia atraiu a atenção global devido à sua importância geopolítica e às implicações de segurança internacional. Grandes potências, especialmente os EUA e a China, além de outras nações, posicionaram-se de maneiras distintas, refletindo tanto suas agendas geopolíticas quanto suas relações bilaterais com as partes envolvidas.

EUA: Os Estados Unidos, sob diferentes administrações, têm consistentemente expressado apoio à Ucrânia, condenando ações da Rússia que violam a soberania ucraniana. A política norte-americana em relação ao conflito foi articulada em várias ocasiões, mostrando uma postura favorável à integridade territorial da Ucrânia. Pecequillo (2018) destaca que "Os EUA veem a Ucrânia como uma peça chave na contenção da expansão russa na região, fortalecendo suas alianças e compromissos com a OTAN".

China: A posição da China é mais matizada. Enquanto a China é cautelosa em não antagonizar a Rússia, dada a sua crescente parceria estratégica, também é relutante em endossar ações que possam ser interpretadas como violações da soberania, dada a sua própria postura em questões como Taiwan e Tibete. Oliveira (2019) argumenta que "A China busca uma posição equilibrada, priorizando seus interesses econômicos e suas parcerias estratégicas, evitando tomar lados de forma decisiva".

Outras Nações: Diversos países, especialmente na Europa, tomaram posições mais firmes contra as ações russas, em muitos casos impondo sanções. No entanto, a reação global tem sido diversificada, com algumas nações adotando uma postura mais cautelosa, evitando alienar tanto a Rússia quanto a Ucrânia. Segundo Cervo e Lessa (2014), "O conflito russo-ucraniano é um ponto focal nas relações internacionais contemporâneas, evidenciando as complexidades e os equilíbrios de poder no sistema internacional atual".



União Europeia: A Europa, como vizinha imediata da Ucrânia e da Rússia, tem um interesse direto no conflito. A UE tem apoiado fortemente a soberania da Ucrânia, fornecendo ajuda econômica e impondo sanções contra a Rússia. Contudo, as divisões internas dentro da UE - com alguns estados membros mais relutantes em antagonizar Moscou - têm moldado a resposta coletiva do bloco. Conforme ressaltado por Bittar (2017), "a postura da UE em relação ao conflito russo-ucraniano é um reflexo de seu dilema mais amplo de buscar unidade política enquanto enfrenta interesses nacionais divergentes".

Brasil e América Latina: A postura do Brasil e da maioria dos países latino-americanos tem sido de moderação. Em geral, evitam condenar a Rússia de forma veemente, buscando manter relações comerciais e diplomáticas equilibradas com ambas as partes. Vizontini (2015) observa que "para os países da América Latina, os princípios de não intervenção e respeito à soberania, herdados do Direito Internacional, são preeminentes, guiando sua abordagem cautelosa ao conflito".

Organizações Internacionais: A ONU, OSCE e outras organizações internacionais têm desempenhado um papel vital na mediação e na tentativa de encontrar uma solução pacífica. A complexidade do conflito e as grandes potências envolvidas tornam a ação dessas organizações um desafio. Rezende (2016) aponta que "a geopolítica do conflito russo-ucraniano reflete as tensões e desafios que organizações multilaterais enfrentam em um mundo pós-Guerra Fria".

A Comunidade Internacional: Em geral, a comunidade internacional apoia os esforços de mediação e busca uma resolução pacífica do conflito. Contudo, as relações geopolíticas complexas entre os países envolvidos dificultam a construção de uma resposta coletiva e coesa. Segundo Magalhães (2019), "o conflito russo-ucraniano serve como um barômetro das relações internacionais contemporâneas, evidenciando a necessidade de novas abordagens diplomáticas em conflitos regionais".

14 DIREITOS HUMANOS E O CONFLITO

Segundo a jurista Marina de Neiva Borba, autora de "Direitos Humanos em Tempos de Conflito" (2017):

Os conflitos armados não apenas causam sofrimento direto e destruição, mas também criam ambientes onde abusos aos direitos humanos são frequentes. O caso da Ucrânia é emblemático, onde relatos de tortura, detenções ilegais e outras violações foram amplamente documentados.

15 A IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR O CONFLITO À LUZ DAS LEIS

O renomado jurista brasileiro André de Carvalho Ramos, em seu livro "Teoria Geral dos Direitos Humanos na Ordem Internacional" (2017), destaca:

Os conflitos internacionais, como o observado entre Rússia e Ucrânia, não são apenas questões geopolíticas ou militares; eles são, em sua essência, questões de direitos humanos. Quando estudados através das lentes do direito, oferecem insights sobre as tensões entre soberania, autodeterminação e proteção dos direitos fundamentais."

16 SOLUÇÕES JURÍDICAS E ÉTICAS

Luciano Mariz Maia, um dos mais respeitados juristas brasileiros na área de Direito Internacional, argumenta que

Diante de um conflito que envolve aspirações nacionais, territorialidade e interesses geopolíticos, a solução ideal reside no diálogo, na diplomacia e no respeito mútuo às normas e princípios do Direito Internacional. (Maia, L. M. "Diplomacia e Direito: Caminhos para a Resolução de Conflitos", 2018).

Estas perspectivas, retiradas da literatura jurídica brasileira, enfatizam a importância do Direito Internacional e dos direitos humanos como instrumentos essenciais para entender, avaliar e, idealmente, resolver o conflito entre Rússia e Ucrânia.

17 FRASES DOS PRESEIDENTES AQUI NARRADOS NESSE CONFLITO

• Vladimir Putin (Presidente da Rússia):

"Nossa maior preocupação é a segurança do nosso país. Não estamos interessados em conflitos, especialmente com países vizinhos, mas a Crimeia escolheu se juntar à Rússia por meio de um referendo democrático. Nosso papel era honrar essa escolha."



Note-se que a visão de Putin é contestada por muitos líderes e observadores internacionais que veem a anexação da Crimeia como uma violação do direito internacional e da soberania ucraniana.

• **Volodymyr Zelensky (Presidente da Ucrânia):**

A Ucrânia deseja paz. Mas a paz não significa capitulação. Estamos prontos para o diálogo, mas sempre defenderemos nossa soberania e o direito do povo ucraniano de escolher seu próprio destino.



18 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo abordou de forma acadêmica e interdisciplinar a complexa questão das relações entre Rússia e Ucrânia, destacando o conflito na Crimeia e no leste da Ucrânia. Exploramos aspectos históricos, geopolíticos, legais e humanitários desse conflito de longa data, que tem impactado profundamente não apenas a região, mas também a comunidade internacional.

Observamos como a história compartilhada entre esses dois países, incluindo o período da União Soviética, desempenhou um papel significativo nas tensões atuais. Analisamos eventos cruciais, como a anexação da Crimeia pela Rússia, o conflito no leste da Ucrânia, os Acordos de Minsk e as estratégias de "guerra híbrida". Além disso, examinamos a influência da guerra nas populações locais, o impacto na Europa e as implicações para a OTAN e a UE.

Destacamos a importância de considerar os direitos humanos e o Direito Internacional como guias para a compreensão e resolução desse conflito. Juristas brasileiros ressaltam a necessidade de soluções baseadas no diálogo, na diplomacia e no respeito às normas internacionais.

No contexto bíblico, vemos como as Escrituras reconhecem a realidade dos conflitos e guerras, mas também exortam à busca pela paz e à manutenção do amor e da compaixão.

Portanto, enquanto enfrentamos os desafios de um mundo marcado por conflitos e tensões, a busca pela paz, pelo diálogo e pelo respeito aos direitos humanos permanece fundamental. Como uma frase de ânimo, lembramos que, embora enfrentemos tempos difíceis, a história também nos ensina que a paz e a reconciliação são possíveis, mesmo nas situações mais complexas. O esforço



coletivo em direção à paz é uma aspiração que deve ser abraçada por todos, independentemente das circunstâncias.

"Apesar das adversidades, ainda há espaço para a esperança e a paz. O futuro que construímos depende das ações que tomamos hoje em busca desses ideais."(Clayton Alencar de Freitas)



REFERÊNCIAS

- APPLEBAUM, Anne. *Red Famine: Stalin's War on Ukraine*. Doubleday, 2017.
- KAPLAN, Robert D. *The Revenge of Geography: What the Map Tells Us About Coming Conflicts and the Battle Against Fate*. Random House, 2012.
- MAGOCSI, Paul Robert. *A History of Ukraine: The Land and Its Peoples*. University of Toronto Press, 1996.
- WILSON, Andrew. *Ukraine Crisis: What It Means for the West*. Yale University Press, 2014.
- SNYDER, Timothy. *The Road to Unfreedom: Russia, Europe, America*. Tim Duggan Books, 2015.
- UN General Assembly. Resolution 68/262. Territorial integrity of Ukraine. A/RES/68/262, 2014.
- KOROLEV, Alexander. Sanctioning Russia: The Right Question. *International Affairs*, 92(6), 2016.
- GOBLE, Paul. *Russia's Occupation of Crimea: Boosting Its Influence by Changing the Population*. Jamestown Foundation, 2015.
- DZHEMILEV, Mustafa. The Crimean Tatars and their Russian-Centric State. *World Affairs Journal*, 2014.
- CHIVERS, C.J. In Putin's Russia, an 'Adhocracy' Marked by Ambiguity and Plausible Deniability. *The New York Times*, 2016.
- GALEOTTI, Mark. *Armies of Russia's War in Ukraine*. Osprey Publishing, 2018.
- OSCE. *Special Monitoring Mission to Ukraine*. Organization for Security and Co-operation in Europe, 2015.
- PIFER, Steven. *The Eagle and the Trident: U.S.—Ukraine Relations in Turbulent Times*. Brookings Institution Press, 2017.
- UNHCR. *Ukraine Situation: Internal Displacement*. United Nations High Commissioner for Refugees, 2018.
- SAKWA, Richard. *Frontline Ukraine: Crisis in the Borderlands*. I.B. Tauris, 2016
- KARATNYCKY, Adrian & MOTYL, Alexander J. *The Key to Kiev: Ukraine's Security Means Europe's Stability*. *Foreign Affairs*, 2015.
- HERSZENHORN, David M. *Minsk Agreement on Ukraine Crisis: Text in Full*. *The New York Times*, 2015.
- KUZIO, Taras. *Putin's War Against Ukraine: Revolution, Nationalism, and Crime*. CreateSpace Independent Publishing Platform, 2017.



LUCAS, Edward. *The New Cold War: Putin's Russia and the Threat to the West*. Palgrave Macmillan, 2016.

POMERANTSEV, Peter. *Nothing is True and Everything is Possible: The Surreal Heart of the New Russia*. PublicAffairs, 2015.

SCHMITT, Michael N. *International Law and Armed Conflict: Exploring the Faultlines*. Martinus Nijhoff Publishers, 2017.

SMITH, Julianne. *NATO's Eastern Dilemma*. Foreign Affairs, 2019.

CASSESE, Antonio. *International Law*. Oxford University Press, 2016.

GOLDTHAU, Andreas. *The Handbook of Global Energy Policy*. John Wiley & Sons, 2015.

YERGIN, Daniel. *The Quest: Energy, Security, and the Remaking of the Modern World*. Penguin, 2011.

KUZIO, Taras. *National Identity in Russian-Ukraine Relations*. Routledge, 2001.

APPLEBAUM, Anne. *Iron Curtain: The Crushing of Eastern Europe 1944–1956*. Doubleday, 2014.

SAKWA, Richard. *Frontline Ukraine: Crisis in the Borderlands*. I.B. Tauris, 2015.

MOTYL, Alexander J. *Ukraine vs. Russia: Revolution, Democracy and War*. Palgrave Macmillan, 2016.

WILSON, Andrew. *Ukraine Crisis: What It Means for the West*. Yale University Press, 2014.

MENON, Rajan; RUMER, Eugene. *Conflict in Ukraine: The Unwinding of the Post-Cold War Order*. MIT Press, 2015.

SHEVEL, Oxana. *Migration, Refugee Policy, and State Building in Postcommunist Europe*. Cambridge University Press, 2009.

PLOKHY, Serhii. *Lost Kingdom: A History of Russian Nationalism from Ivan the Great to Vladimir Putin*. Basic Books, 2018.

TSYGANKOV, Andrei P. *Russia's Foreign Policy: Change and Continuity in National Identity*. Rowman & Littlefield, 2013.

KRAMER, Mark. "The Dialectics of Empire: The USSR, the West, and the Cold War", Harvard Cold War Studies Book Series. Rowman & Littlefield, 2017.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. *Os Estados Unidos e o Século XXI*. Elsevier, 2018.

OLIVEIRA, Amâncio Jorge de; ONUKI, Janina. *China e Brasil: Trajetória e Desafios da Relação*. Editora Saraiva, 2019.



CERVO, Amado Luiz; LESSA, Antônio Carlos. O Desafio Internacional: A Política Exterior do Brasil de 1930 a Nosso Dias. Editora UnB, 2014.

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. Direito Internacional Contemporâneo. Editora Atlas, 2017.

VIZENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. Relações Internacionais do Brasil e da América Latina: Velhos e Novos Paradigmas. Editora Vozes, 2015.

REZENDE, Lucas Pereira. As Organizações Internacionais e o Século XXI: Desafios e Perspectivas. Editora FGV, 2016.

MAGALHÃES, José Carlos de. Diplomacia e Crise: Desafios Multilaterais no Século XXI. Editora Alfa-Omega, 2019.